

PATRÍCIA MATOS

patriciamatos.uff@gmail.com

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE

## NÓMADAS DIGITAIS E A ERA DOS SUJEITOS MÓVEIS: QUESTÕES DE MOBILIDADE, COMUNICAÇÃO E TRABALHO NUM ESTILO DE VIDA *LOCATION INDEPENDENT*

### RESUMO

Este artigo propõe que o surgimento desse estilo de vida a partir da construção de uma identidade global de trabalhador corresponderia às demandas do estágio atual do capitalismo (Bauman, 1998; Sennet, 2011), quais sejam, flexibilidade, adaptabilidade e fluidez, culminando em um apelo ao nomadismo (Maffesoli, 2001). Investiga-se também como as viagens permanentes que os nômades digitais buscam seriam uma resposta à ênfase na liberdade de escolha e à natureza efêmera da sociedade de consumo contemporânea (Lipovetsky, 2007), além de evidenciar características próprias da modernidade líquida (Bauman, 1999) ou condição pós-moderna (Harvey, 1989). Busca-se descobrir, então, que tipo de trabalhador (e, conseqüentemente, de consumidor) emerge dessa paisagem subjetiva e como a mobilidade se converte em privilégio na contemporaneidade em um momento em que os fluxos migratórios e as noções de lugar e fronteira vêm sendo amplamente discutidos pelo mundo ocidental.

### PALAVRAS-CHAVE

Mobilidade; globalização; cultura digital; nomadismo

---

### INTRODUÇÃO

Ryan Bingham trabalha para uma grande empresa. O seu trabalho consiste em demitir pessoas. Ele viaja pelos Estados Unidos fazendo isso, tanto que está muito perto de acumular um milhão de milhas no programa de fidelidade da companhia aérea. O personagem vivido por George Clooney em *Amor sem escalas* (*Nas Nuvens*, em Portugal), longa-metragem de 2009, passa a vida em viagens constantes, daí o título original *Up in the Air*. Essa é uma expressão em inglês que quer dizer algo vago, incerto. Ao dar o

nome ao filme, faz alusão, não só à rotina de viagens do personagem mas, principalmente, ao momento de instabilidade vivido pelos funcionários que Ryan demite e à incerteza do seu próprio projeto de vida<sup>1</sup>.

Ryan tem um estilo de vida que, à primeira vista, é “invejável”, facto que o levou a conquistar o estatuto de palestrante. Nas palestras ele ensina a desfazer-se de tudo o que traz peso à vida e que impede de levar uma vida mais leve e móvel: família, amigos, bens, vínculos, em geral, isto é, tudo que nos mantenha presos a um espaço. Para isso, ele usa a mochila como metáfora: “coloque coisas demais na mochila e logo fica difícil andar com ela nas costas”. O seu discurso é uma ode à vida em movimento e sem amarras. Mas Ryan não é um vagabundo. Tem um emprego (fixo) e uma casa para onde volta eventualmente, mesmo que seja apenas por alguns dias no ano.

Poucos anos depois do lançamento de *Up in the Air*, os autointitulados “nômadas digitais” parecem ter levado tal discurso a extremos ainda mais distantes. Têm por objetivo um estilo de vida que não dependa de um espaço único, de um emprego e, até mesmo, de um endereço fixo. Tudo é móvel (*mobile*). Ryan Bingham falava da mochila como metáfora para a vida. Já esses trabalhadores-viajantes nem sequer necessitam de carregar consigo tudo o que precisam: está tudo na nuvem<sup>2</sup>. Ryan viajava a trabalho porque era contratado para demitir pessoas em diversas empresas no país inteiro (o filme foi lançado a meio da crise econômica nos Estados Unidos, quando as demissões em massa eram uma realidade). Já entre os nômadas digitais, proliferam histórias de quem tomou a decisão de abandonar empregos formais e carreiras promissoras para “criar o próprio caminho”.

Para sustentar um estilo de vida que concilia trabalho e viagens, os nômadas digitais fazem uso intensivo de espaços de *coworking*<sup>3</sup>, cafés com acesso à internet, aeroportos, hotéis, além de uma infinidade de aplicativos,

---

<sup>1</sup> O filme é uma adaptação cinematográfica do romance homónimo lançado em 2001 por Walter Kirn. Kirn escreveu o livro após conhecer um passageiro durante um voo de primeira classe que adorava viajar mais de 300 dias por ano. O diretor Jason Reitman incluiu no filme 22 atores recentemente dispensados que interpretam a si mesmos sendo demitidos.

<sup>2</sup> O conceito de computação em nuvem (em inglês, *cloud computing*) refere-se à utilização da memória e da capacidade de armazenamento e cálculo de computadores e servidores compartilhados e interligados por meio da Internet. O armazenamento de dados é feito em serviços que poderão ser acessados de qualquer lugar do mundo, a qualquer hora, não havendo necessidade de instalação de programas ou de armazenar dados.

<sup>3</sup> *Coworking* é o termo utilizado para o compartilhamento de um ambiente de trabalho, geralmente um escritório, e de seus equipamentos por pessoas que trabalham de forma independente, mas que ainda assim desejam estar em contato com outros na mesma condição. O uso intensivo desses espaços aponta para o fato de que o estilo de vida de nômade digital não visa a rotina solitária nem abolir o escritório em si, mas a negação de uma filosofia corporativa.

softwares e *gadgets* que os ajudam a gerir o seu tempo e/ou seus negócios, administrando as suas rotinas de forma a serem o mais independentes possível. Nada de escritórios, horários fixos ou chefes.

Em muitas carreiras sempre foi possível viajar de forma frequente, mas o ponto central do estilo de vida do nômade digital é o uso da tecnologia em favor dessa mobilidade. Munidos de seus *smartphones* e *laptops* e com a ajuda de aplicativos e da articulação em redes sociais, esses sujeitos constroem um estilo de vida tão móvel quanto a comunicação global atual, testando seus limites e fronteiras. O uso da internet, das novas tecnologias, do *know-how* criativo e de outras competências próprias da sociedade da informação em favor de uma rotina móvel são seus diferenciais em relação aos trabalhadores tradicionais.

Um artigo de 2009 da revista *Computer World* levantava a pergunta: “o estilo de vida nômade digital está a tornar-se *mainstream*?” (Elgan, 2009). Hoje, alguns anos depois, a pergunta que cabe e que desejo desenvolver ao longo da pesquisa de doutoramento, da qual este artigo é uma parte, é: como, porquê, sob quais circunstâncias se dá a popularização do estilo de vida nômade digital e o que nos diz sobre a nossa sociedade?

Destaca-se a busca por um estilo de vida de viagem constante, mas que, ao mesmo tempo, nega o status de turista (apesar de viajarem quase sempre com vistos de turismo e se mudarem assim que estes expiram), somada à ênfase no trabalho remoto e autónomo que, por sua vez, rejeita os padrões de carreira estabelecidos pelas gerações anteriores. Nota-se que, de acordo com os ideais celebrados pelos nômadas digitais, esse sujeito global ou “cidadão do mundo” seria, nos dias atuais, não só um *world traveler*, como muitos deles se definem, mas um *world worker*. Para esses sujeitos, o trabalho não é mais um lugar físico e “a vida não é medida pelos números na nossa conta, mas pelos carimbos no nosso passaporte”, como afirma o *slogan* do Worldpackers, uma das ferramentas que se colocam como facilitadores desse estilo de vida. Portanto, cabe questionar o que significa, nos dias atuais, ser um trabalhador-viajante, esse alguém que está sempre a mover-se de maneira física, simbólica e subjetiva.

Neste artigo pretende-se discutir a fetichização do movimento aplicada ao mundo do trabalho, bem como a constituição de sujeitos móveis, ao mesmo tempo em que a mobilidade se torna um recurso fundamental no âmbito da globalização e do capitalismo desterritorializado. Parte-se também de uma inquietação em relação a que tipo de consumidor e cidadão se faz de um trabalhador-viajante, móvel, flexível, volátil, considerando que, de acordo com as ideias de Guatarri (1993), as relações de produção ocupam

um lugar central em nossa sociedade, mostrando-se como meios de produção de subjetividade. Por outras palavras, o estilo de vida nômade digital reflete o enfraquecimento das instituições e a precarização das relações de trabalho ou apenas é um exemplo da liquidez dos nossos tempos e da mobilidade, isto é, mais um elemento do capital na modernidade líquida?

### “MOVER-SE É VIVER”: SUJEITOS MÓVEIS E A FETICHIZAÇÃO DA MOBILIDADE

É isso que fazemos diariamente. Carregamos peso demais em nossas costas até que não podemos mais nos mover. E não se enganem – mover-se é viver. (*Up in the Air*, 2009)

Mais do que descrever o fenómeno do nomadismo, é preciso questionar o que há de realmente novo nesse estilo de vida. Hoje em dia temos a sensação de que mover-se se tornou uma necessidade e de que nunca se viajou tanto, mas o desejo de se deslocar sempre esteve presente. Não há como negar, contudo, que a mobilidade se apresenta como uma questão central na contemporaneidade, tornando-se um valor, e que hoje nos movemos no espaço urbano e também no espaço midiático (e uma coisa não se separa da outra).

Mas o que faz com que as várias formas de deslocamento humano sejam um assunto tão central na contemporaneidade? Como afirmam Sheller e Urry (2006), a emergência de novas formas de viagem “virtual” e “imaginativas” se combina de maneiras inesperadas com a viagem física. Para esses autores, o ponto crucial é a mudança de uma modernidade vista como pesada e sólida para uma outra modernidade, leve e líquida, na qual a velocidade de movimento de pessoas, dinheiro, imagens e informação é soberana. A mobilidade ganha contornos *sui generis* nos tempos recentes porque se molda às próprias transformações económicas e sociais que se verificam no mundo após a década de 1990, podendo ser assumida como estilo de vida, não apenas de determinados grupos, mas das sociedades inteiras (Araújo, 2004).

A mobilidade não é somente a deslocação e a transacção, implica a consciência sobre a capacidade de o fazer, daí que seja entendida como peculiar nas sociedades modernas porque estas são tecnológicas e porque estas facilitam o alargamento do leque de possibilidades de mobilidade. (Araújo, 2004, p. 2)

Dessa forma, o nomadismo digital evidencia o papel determinante das novas tecnologias de comunicação na construção de novas organizações subjetivas, como apontado por Sherry Turkle (2005). Para Turkle, o advento dos computadores levou nossa relação com a tecnologia para outro nível. A internet emerge como um artefato cultural e modifica todos os aspectos da vida nas comunicações, na economia, na política e nas artes, e sobretudo o modo como vemos a nós mesmos e nossos relacionamentos. Os nômadas digitais têm como ideal navegar pelo mundo da mesma forma fluida com que navegam pela rede, compartilhando cada momento dessa experiência com seus seguidores virtuais. Assim, o fato de o nomadismo digital ser possível graças aos avanços tecnológicos e seus impactos na mundialização da comunicação, culminando no advento de uma sociedade em rede, também torna o fenômeno dos nômadas digitais essencial para compreender os limites e as possibilidades da comunicação e, em especial, da internet, enquanto produtora de comunidades, afetividades e subjetividades em fluxo. No blogue *Nômadas Digitais* escreve-se que:

com a evolução da era digital e das tecnologias móveis, cada dia mais pessoas começaram a perceber que os limites geográficos não são mais precisos. Se você pode trabalhar de casa, usando a tecnologia, você pode trabalhar de qualquer lugar do mundo. E esse é o novo Sonho Americano pra muita gente, e os personagens dessa nova história ganharam o nome de “Nômadas Digitais”. (Viegas & Barbosa, 2014)

O “novo paradigma das mobilidades”, apresentado por Sheller e Urry (2006), dá conta de um tipo de mobilidade que emerge a partir dos anos 1990 a partir do uso generalizado das tecnologias de informação e comunicação, bem como do reforço das interdependências em escala mundial. Tudo isso estaria ligado à experiência contínua da mobilidade, que, por sua vez, marca as identidades e os estilos de vida na sociedade contemporânea.

Chama a atenção a crescente fetichização da mobilidade, ou seja, sua transformação em um valor em si mesmo. Em sua conferência durante o seminário “Living Mobilities — Rumo a novas culturas de tempo, espaço e distância”, intitulada “Mobility, mobilities, immobility: an anthropological perspective”, o pesquisador Noel Salazar citou as diversas formas pelas quais nossa sociedade, ao longo dos séculos, tem sedimentado a ideia do movimento como algo invariavelmente positivo, como, por exemplo, as viagens de iniciação, os *grand tours*, a mobilidade estudantil e acadêmica, o

ano sabático e até o trabalho de campo do antropólogo, essencial para sua efetiva formação como tal (2010, 2012, 2016).

Podemos dizer que o imaginário em torno do viajante tem evoluído a passos largos, partindo da peregrinação para lugares de culto até o movimentado saguão dos aeroportos e suas salas VIP, que acomodam executivos ocupados. Em todos os casos a mobilidade confere status. Porém, a fetichização do movimento o torna um bem de consumo e, como tal, seu consumo nunca cessa. Novamente, o personagem de George Clonney em *Up in the Air* dá o tom da discussão: “não cometas erros, mover é viver”. Tudo isso, aliado ao avanço das tecnologias móveis, parece reforçar tal imperativo, que agora não se restringe à mobilidade física. O sujeito contemporâneo simplesmente não pode se dar ao luxo de parar de se mover, quer seja no espaço, no tempo ou na imaginação.

Marc Augé, em *Por uma antropologia da mobilidade* (2012), refere-se a uma mobilidade sobremoderna, caracterizada pelo deslocamento de indivíduos, produtos e sentidos. Tal cenário é composto por sujeitos sociais transnacionais em circulação crescente por espaços também transitórios, como empresários, imigrantes, trabalhadores clandestinos, exilados, turistas, cientistas, artistas etc. Para o autor, se um lugar pode ser definido como identitário, relacional e histórico, um espaço que não pode ser definido nem como identitário nem como relacional nem como histórico será um não lugar. O autor afirma que a sobremodernidade é produtora de não lugares, isto é, de espaços que não são em si lugares antropológicos e que, contrariamente à modernidade baudelairiana, não integram os lugares antigos: estes, repertoriados, classificados e promovidos a “lugares de memória”, ocupam aí um lugar circunscrito e específico (Augé, 2012, p. 73). São exemplos de não lugares as “ocupações provisórias”, como clínicas, hospitais, cadeias de hotéis e acampamentos de refugiados, e os “meios de transporte que também são espaços habitados”, como os aeroportos e as estações. Estes constituem para o autor “um mundo assim prometido à individualidade solitária, à passagem, ao provisório e ao efêmero” (Augé, 2012, p. 74).

Já para os nômadas digitais, lugares como cafés, aeroportos e escritórios provisórios fazem parte do seu dia a dia de uma maneira mais duradoura do que como simplesmente lugares de passagem. Como vivem em movimento, eles acabam tornando o efêmero seu lugar-comum ou podem ser capazes, ainda, de estabelecer vínculos diversos e ressignificá-los. É o que aponta o depoimento de Octavio Aburto, que afirma que, desde que adotou o estilo de vida nômade digital, há 11 meses, já visitou 20 países.

Sinto que tenho muitas casas: Vancouver é minha segunda casa, Sydney é a terceira. O Havaí, mesmo que eu só tenha passado um mês lá, também é um lugar que posso chamar de casa. (...) Eu sou do México e lá é minha casa, mas quando você é um cidadão do mundo o mundo se torna a sua casa. (Youjin, 2017)

O desejo de errância é apontado por Michel Maffesoli em *Sobre o nomadismo* (2001) como o drama contemporâneo que surge como substituição e ao mesmo tempo contra o compromisso de residência que prevaleceu durante toda a modernidade.

É claramente uma mudança de tom, da aspiração a um “outro lugar” que não chega a satisfazer as questões habituais, ou as respostas convencionais a que estamos habituados. É o novo espírito do tempo, esse ambiente imperceptível que pode nos incitar a ver na errância, ou nomadismo, um valor social a muitos títulos exemplar (Maffesoli, 2001, p. 28).

Entre os efeitos do processo definido por diversos autores como globalização (Appadurai, 1996; Bauman, 1999, entre outros) está a acentuação dos fluxos migratórios, proporcionada principalmente por acordos de livre circulação de bens e pessoas. Embora, como argumentamos no início, o desejo de se mover não contenha em si nada de novo, algumas formas de circulação de pessoas são características do mundo contemporâneo. Zygmunt Bauman afirma que a combinação entre consumidores sempre ávidos de novas atrações e logo enfasiados com atrações já obtidas e um mundo em constante transformação “varre toda a sinalização fixa — de aço, de concreto ou apenas cercada de autoridade — dos mapas individuais do mundo e dos projetos e itinerários de vida” (1999, p. 93). O autor afirma, ainda, que o consumidor na sociedade de consumo “é uma pessoa em movimento e fadada a se mover sempre” (idem). Já na obra de Appadurai (1996), o deslocamento aparece como um traço peculiar da narrativa da modernidade.

Já Gehardi (2009), em seu estudo, assinala a condição daqueles que se encontram em quase permanente mobilidade, por obrigação aos modelos de regulação do trabalho e da economia que exigem a disponibilidade total de certos trabalhadores, propondo o conceito de mobilidade ambígua. Discutiremos, a seguir, o que considero serem algumas das consequências dessa (paradoxal) imposição da mobilidade no âmbito da modernidade líquida e do capitalismo flexível na vida dos trabalhadores.

## “UMA QUESTÃO DE LIBERDADE”: TRABALHADORES MÓVEIS, FLEXÍVEIS E À DERIVA

Para além da discussão sobre subjetividades móveis, é necessário levantar outra: o que significa ser um trabalhador móvel? Que tipos de relações de trabalho estão implicadas no capitalismo desterritorializado? E, mais importante, que consequências a fetichização da mobilidade traz para as condições de vida dos trabalhadores em diversos níveis?

Em reportagem da revista *Forbes*, o nômade digital é representado como um profissional que prefere um estilo de vida *location independent*, ou seja, sem escritório fixo e que lhe permite viajar e trabalhar de qualquer lugar do mundo (Mohn, 2014). De acordo com a publicação,

os nômadas digitais estão redefinindo o que significa ser produtivo. (...) Esse estágio inicial do nomadismo digital está mostrando que as pessoas estão ávidas por construir uma cultura onde o trabalho e o lazer não apenas se equilibram, mas se fundem em um único estilo de vida. (Gupta, 2015)

Tais trabalhadores-viajantes afirmam rejeitar a estrutura do trabalho tradicional, incorporando horários flexíveis e viagens constantes à sua rotina. “Nômade digital é uma pessoa frustrada com o modelo de trabalho que a sociedade impõe. São pessoas que continuam prosperando em suas carreiras sem precisar estar em um lugar fechado para produzir”, afirmam Jaqueline Barbosa e Emerson Viegas, responsáveis pelo site Nômadas Digitais em palestra durante a 8ª edição da “Campus Party”<sup>4</sup>. Assim, a ideia do trabalho remoto e de viajar pelo mundo em simultâneo tem conquistado cada vez mais adeptos, que acreditam ser a prática mais capaz de proporcionar qualidade de vida, realização profissional e liberdade criativa.

Apesar disso, os autoproclamados nômadas digitais afirmam que a rotina de viagens e a busca por maior qualidade de vida não significa diminuição da carga horária. Muitos deles refutam o estereótipo do nômade digital que trabalha e administra os seus negócios “de uma cabana na selva ou à beira de um mar azul-turquesa”, como celebra a reportagem da BBC intitulada “When Work Becomes a Nonstop Vacation” (Quando o trabalho se torna férias sem fim; Snedden, 2013). Eles afirmam passar até 70% do seu tempo em frente ao computador, em vez de estar, efetivamente, a

<sup>4</sup> Comunicação durante a “8ª Campus Party” intitulada “Como ganhar dinheiro e viajar o mundo ao mesmo tempo”. A “Campus Party” é um megaevento voltado para tecnologia e comunicação digital que reúne todos os anos em São Paulo de cinco a 10 mil pessoas. A palestra está disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=K778kHdBbJ8>



desfrutar dos destinos de viagem que escolheram. Isso acontece devido à necessidade de trabalhar em horários variados em razão dos diferentes fusos horários dos seus clientes e à falta de um salário fixo, característica da rotina de *freelancers* e empreendedores digitais e da qual resulta a instabilidade financeira.

Apesar disso, ainda proliferam *sites*, blogues, tutoriais, cursos e *workshops* sobre o tema para aqueles que desejam ingressar nesse estilo de vida. Nota-se a forte presença de um discurso empreendedor nas biografias dos nômadas digitais, evocando narrativas de autorrealização, inovação e aventura. Histórias de indivíduos que deixaram os seus empregos formais para “investir em seus sonhos”, em “mais qualidade de vida” e numa “vida mais livre” dão o tom do discurso que se torna cada vez mais usual.

Mas, comum a todos os relatos, é a negação de uma concepção tradicional de carreira e a constante alusão à cultura da flexibilidade e do faça-você-mesmo. “É uma questão de liberdade. Você percebe que faz sentido ser nômade no momento em que enxerga que gasta quatro horas do seu dia em deslocamentos para trabalhar em algo que talvez você não goste tanto”, afirma a publicitária Débora Corrano ao *Estado de São Paulo* (Aguilhar, 2015). Tudo isso reforça que, nesse novo estágio ou espírito do capitalismo, o trabalhador não se sente mais estimulado por estabilidades e seguranças garantidas nos estágios anteriores, como aposentadoria, férias, décimo terceiro salário etc., mas sim por “desafios”, “qualidade de vida” e “realização profissional”.

Como aponta Sennett (2009), são características distintivas do capitalismo da nossa época o mercado global, o uso de novas tecnologias e, principalmente, as novas maneiras de organizar o tempo, sobretudo o tempo do trabalho. Assim, o estágio atual do capitalismo se caracteriza por organizações flexíveis que também requerem trabalhadores flexíveis, tão “leves e voláteis quanto a nova economia capitalista que os gerou e dotou de poder” (Fontenelle, 2008, p. 56). Dessa forma, torna-se comum nesse estágio o ataque às formas rígidas de burocracia e aos males da rotina. Pede-se aos trabalhadores que sejam ágeis, que estejam abertos a mudanças em curto prazo e que assumam riscos continuamente.

Assim, a ênfase na flexibilidade e a celebração do nomadismo apontam para uma recusa da rotina associada diretamente às formas tradicionais de trabalho. “Essa ênfase na flexibilidade está mudando o próprio significado do trabalho”, afirma Sennett (2009, p. 9), remetendo para o uso do termo “carreira” que surgiu na língua inglesa originalmente com o sentido de “uma estrada para carruagens” e que, depois, passou a ser aplicado ao

trabalho, designando o caminho das atividades de um indivíduo durante toda a vida profissional. “O capitalismo flexível bloqueou a estrada reta da carreira, desviando de repente os empregados de um tipo de trabalho para outro” (Sennett, 2009, p. 9).

Inserida na concepção tradicional (ou pós-industrial) de carreira está a noção de projeto, própria da modernidade. Por meio de seu proclamado espírito empreendedor e aventureiro, de seu trabalho fora do escritório e de seu ideal de carreira fora dos padrões convencionais, a figura do nmade digital desafia, não só a rotina do trabalho e os limites da economia global, mas todo um ideal de indivíduo moderno. Como aponta Fontenelle, as novas gerações estariam a ser formatadas — tal qual fomos formatados para o fordismo — para essa nova forma flexível de trabalhar, de viver e de se relacionar. “Parafraseando Gramsci (1991), o pós-fordismo também não requer um novo tipo de homem, não apenas em sua relação com o trabalho, mas também na forma de sentir e viver a vida?” (Fontenelle, 2008, p. 58).

Para Boltanski e Chiapello (2009), e como já apontado por Bakker (2012), isso seria o resultado de como o capitalismo em seus diferentes estágios incorporou um espírito capaz de fornecer “perspectivas sedutoras e estimulantes de vida” (Boltanski & Chiapello, 2009) para conseguir engajar as pessoas indispensáveis à busca da acumulação. O espírito do capitalismo é, portanto, “a ideologia que justifica o engajamento no capitalismo” (Boltanski & Chiapello, 2009). Tal ideologia estaria em constante mutação, alinhando-se “às expectativas das pessoas que caiba mobilizar, segundo as esperanças com que elas cresceram e em função das normas assumidas em diferentes épocas” (Hirschman citado em Boltanski & Chiapello, 2009, p. 58).

Nesse sentido podemos perceber que, como aponta Bauman, o que faz do trabalho o principal valor dos tempos modernos é a sua “capacidade de dar forma ao informe e duração ao transitório” (2001, p. 157). Não por acaso, as suas transformações contemporâneas, associadas à transitoriedade, à flexibilidade e à mobilidade, são sinais de uma transformação social.

## CONCLUSÃO: O SUJEITO DESLOCADO E HIPERCONECTADO

- Esse é o sétimo cartão que fazemos. É um clube seletivo.
- Nós realmente apreciamos a sua lealdade.
- Sabe quantas vezes eu sonhei com esse momento?
- Cheguei a ensaiar a conversa que teríamos aqui.

- É mesmo? E o que pensou em me dizer?
- Sabe... Eu não consigo me lembrar.
- Tudo bem. Acontece com todos. Então, de onde você é?  
(Ryan faz uma pausa e olha diretamente para o comandante)
- Eu sou daqui. (*Up in the Air*, 2009)

Se o movimento é algo inerente às sociedades humanas, podemos dizer que a nossa, contemporânea, se caracteriza por um movimento generalizado de capital, pessoas, bens, imagens e mensagens, potencializado ainda pela vertiginosa evolução dos meios de transporte e de comunicação. Mais do que isso, a transformação do movimento em valor, em capital cuja acumulação confere status, mostra-se paradigmática do nosso tempo e elemento constitutivo do sujeito contemporâneo. Isso se verifica nas viagens de lazer, mas também, cada vez mais, na esfera da produção (viagens de negócio, trabalhadores “expatriados” e importação de mão de obra considerada qualificada), no campo acadêmico (pesquisas de campo, viagens para congressos e cursos de verão) e, ainda, no vertiginoso crescimento da indústria do turismo.

A mudança de tom trazida pela comunicação digital, na forma como se faz presente hoje na vida dos sujeitos, diz respeito a um movimento subjetivo, para além do movimento físico. Como afirma Bauman, viajar se torna mais agradável do que chegar (1999, p. 93). Nos dias de hoje estamos todos em movimento, mas sem ficar tempo suficiente em lugar algum para ser mais do que visitantes. Para esse autor, a globalização é produtora do efêmero, do volátil, do precário, algo que parece se refletir na afirmação do personagem Ryan Bingham sobre a sua pertença ou a sua origem. Estando suspenso, nas alturas, ou seja, em um não lugar, o executivo afirma “eu sou daqui”, negando qualquer tipo de vínculo identitário nacional, institucional, espacial e temporal.

Quais formas de viver, trabalhar, consumir e se relacionar emergem de um estilo de vida em que se está em constante movimento? Observar o fenómeno do nomadismo digital pode proporcionar *insights* valiosos acerca dos rumos do capitalismo global, flexível e desterritorializado, e dos impactos da condição pós-moderna no campo da produção. Tudo isso atrelado ao universo das transformações tecnológicas que, por sua vez, também alteram radicalmente o nosso universo cultural, fazendo emergir novas paisagens subjetivas – como aquelas perseguidas pelos nômadas digitais nas suas viagens sem fim.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Appadurai, A. (1996). *Modernity at large*. Minneapolis: University of Minnesota Press.
- Augé, M. (2012). *Não-lugares: introdução a uma antropologia da supermodernidade*. Campinas, SP: Papirus.
- Bakker, B. W. A. (2012). *Trabalhando para si: felicidade e capital humano no cinema dos anos 2000*. Dissertação de Mestrado em Comunicação e Cultura, ECO, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil.
- Bauman, Z. (1999). *Globalização: as consequências humanas*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Fontenelle, I. A. (2008). *Pós-modernidade: trabalho e consumo*. São Paulo: Cengage Learning.
- Gehardi, L. (2009). *La mobilité ambiguë – Espace, temps et pouvoir aux sommets de la société contemporaine*. Paris: Éditions Universitaires Européennes.
- Hall, S. (2005). *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A.
- Maffesoli, M. (2001). *Sobre o nomadismo*. Rio de Janeiro: Editora Record.
- Salazar, N. B. (2010). Towards an anthropology of cultural mobilities. *Crossings: Journal of Migration & Culture*, 1(1), 53-68.
- Salazar, N. B. (2012). Tourism imaginaries: a conceptual approach. *Annals of Tourism research*, 39(2), 863-882.
- Sennett, R. (2009). *A corrosão do caráter: o desaparecimento das virtudes com o novo capitalismo*. Rio de Janeiro: Record.
- Sheller, M. & Urry, J. (2006). The new mobilities paradigm. *Environmental Planning*, 38(2), 207-226.
- Turkle, S. (2005). *The Second Self: Computers and the Human Spirit*. Cambridge, MA: The Mit Press.

## OUTRAS REFERÊNCIAS

- Aguilhar, L. (2015, 4 de agosto). “Nômadas digitais” trocam rotina por vida de viagens e trabalho online. [Post em blogue] *Estadão*. São Paulo. Retirado de <http://blogs.estadao.com.br/link/nomades-digitais-trocaram-rotina-por-vida-de-viagens-e-trabalho-online/>

- Araújo, E. R. (dezembro, 2004). A mobilidade como objecto sociológico. Comunicação apresentada nos “Encontros em Sociologia”, 2, Braga, Portugal. Retirado de <http://hdl.handle.net/1822/3913>
- Elgan, M. (Agosto, 2009). Is digital nomad living going mainstream? Retirado de <https://www.computerworld.com/article/2526618/mobile-wireless/is-digital-nomad-living-going-mainstream-.html>
- Gupta, K. (2015, 25 de fevereiro) Digital nomads are redefining what it means to be productive. *Forbes*. Retirado de <http://www.forbes.com/sites/kaviguppta/2015/02/25/digital-nomads-are-redefining-what-it-means-to-be-productive/>
- Mohn, T. (2014, 19 de março). How To Succeed at Becoming a Digital Nomad. *Forbes*. Retirado de <http://www.forbes.com/sites/tanyamohn/2014/03/19/tips-for-becoming-a-successful-digital-nomad/>
- Reitman, J. (diretor) (2009). *Up in the Air* [Nas Nuvens]. Estados Unidos: Paramount Pictures.
- Salazar, N.B. (novembro, 2016). Mobility, mobilities, immobility: an anthropological perspective. Comunicação apresentada no “Seminário Internacional Viver em/a mobilidade: rumo a novas culturas de tempo, espaço e distância”, Braga.
- Snedden, M. (2013, 30 de Agosto). When work becomes a nonstop vacation. *BBC*. Retirado de <http://www.bbc.com/capital/story/20130829-when-work-is-a-nonstop-vacation>
- Viegas, E. & Barbosa, J. (2014). Manifesto nômadas digitais. [Post em blogue] *Nômadades digitais*. Retirado de <http://nomadesdigitais.com/comece-por-aqui/>
- Youjin, D. (diretora) (2017). *One way ticket: The Digital Nomad Documentary* [Documentário online]. Retirado de <http://digitalnomaddocumentary.com/>

Citação:

Matos, P. (2018). Nômadas digitais e a era dos sujeitos móveis: questões de mobilidade, comunicação e trabalho num estilo de vida *location independent*. In E. Araújo, R. Ribeiro, P. Andrade & R. Costa (Eds.), *Viver em/a mobilidade: rumo a novas culturas de tempo, espaço e distância*. Livro de atas (pp. 36-48). Braga: CECS.